

Discussão da relação entre cinema e identidade: contexto africano

Nesse artigo busco fazer uma introdução a discussão da importância da criação de uma identidade nacional através dos cinemas, dando atenção ao Continente Africano em particular. Procuro mostrar como o cinema, visto como uma linguagem e sendo assim carregado de valores sociais, pode servir de fonte historiográfica para se entender o processo de formação de identidades na África. A partir do momento que vemos os surgimento da História Nova e toda a reformulação sobre o que poderia ser considerado fonte, o cinema ganha espaço nas discussões acadêmicas e historiográficas. Busco mostrar como o cinema africano está inserido na história particular desse continente, que luta pela sua afirmação cultural e como ele apresenta, pelo uso das imagens, os problemas e realidades que o cercam.

Rita de Kasia Andrade Amaral¹

A justificativa do uso de cinema como fonte histórica vem sendo discutida no campo historiográfico. Walter Benjamim na década de 30 vê o cinema como sujeito da história, pois refleti as dinâmicas sociais. Partindo desse pensamento temos que ter em mente que a cultura é um processo dinâmico que cria comportamentos, práticas, significados, onde a principal ferramenta utilizada é a linguagem. A importância da linguagem na cultura é um tema discutido pela corrente semiótica, onde o escritor Graeme Turner no livro “Cinema Como Prática Social”, nos apresenta Ferdinand de Saussure como fundador da semiótica europeia. Segundo ele a linguagem vai muito além da ideia de dar nome às coisas, a verdadeira dificuldade existe porque cada cultura possui seus significados particulares, que carrega seus valores e especificidades sociais.

O cinema pode ser visto como uma grande representação dessa linguagem desenvolvida em cada sociedade. A importância da análise dos filmes como fontes históricas² não está somente na discussão do que é utilizado, mas também como é utilizado. Turner nos fala que as imagens³, assim como as palavras, carregam conotações. A representação visual está carregada de carga cultural, pois possui uma linguagem com códigos e convenções para que a mensagem seja entendida pelo espectador. Por isso o ângulo usado pela câmera, a iluminação, os efeitos

¹ Graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

² Desde as filmagens realizadas por Louis e Auguste Lumière em 1895 que o cinema vem se relacionando com a história. Nesse mesmo ano na Exposição Etnográfica da África Ocidental, Felix Régault apresenta o primeiro documentário da história do cinema.

³ A imagem cinematográfica é bem discutida, principalmente por Deleuze, onde afirma que existe a imagem-movimento que seria segundo a lógica sensorio-motor e a imagem-tempo que romperia com o surgimento de situações óticas e sonoras puras.

visuais, possuem um significado social.

Discutindo sobre a importância cultural de analisarmos os filmes como fontes a historiadora Danielle Heberle Viegas no seu artigo para a Revista Espaço Acadêmico destaca a citação de Ortiz (1985: p.55), onde segundo ele temos que ter uma consciência aberta para a interdisciplinaridade, pois tal análise requer respostas as áreas diversas de conhecimento. Além disso, é preciso desenvolver uma Intertextualidade mediante nossos conhecimentos de outros textos e filmes, para alcançar de forma efetiva uma análise essencial do filme que queremos abordar, nos afirma Graeme Turner. Então a relação do cinema e da história ocorre justamente devido a importância de se estudar e tentar compreender a sociedade como um todo.

Com isso podemos entender o cinema como agente da sociedade no sentido de linguagem cultural, onde ganha grande importância os filmes narrativos. Muitos estudiosos procuram entender as estruturas e a função da narração. Nesse ramo temos o antropólogo Claude Lévi-Strauss. A psicanalista Lúcia Villela Kracke nos apresenta no seu artigo uma visão onde os

“filmes são mitos modernos e que mitos, contos de fadas e narrativas em geral são metáforas pelas quais buscamos entender e explicar nossas percepções da realidade, nossa origem, nosso futuro, nosso mundo. É através delas que procuramos elucidar nosso conhecimento acerca dos desejos, conflitos e medos que estão na origem tanto dos sonhos quanto das diversas ações humanas.”

Seguindo essa linha de pensamento, Lévi-Strauss nos revela que o mito é uma forma de procurar entender a vida, achar soluções para questões que aparentemente não tem respostas. Baseando-se nessa abordagem a psicanalista Kracke afirma que os filmes são hoje a maior forma usada para construir mitos, oferecendo assim chance de entendermos os valores que são compartilhados por nossas sociedades, definindo valores, medos e conflitos. O cinema então está enraizado no processo de formação cultural de uma determinada sociedade, a partir do momento em que na sua criação narrativa estão inseridos valores de realidade e também de mitologias.⁴

Levando essa ideia para o Continente Africano vemos que a ligação do cinema e a construção de uma identidade nacional está além das fronteiras determinadas pelo imperialismo ocidental, mas também na base de seus mitos passados pela tradição oral, servindo assim como fonte de seu desenvolvimento.

Podemos ver então que o filme é uma poderosa arma se quisermos compreender mais as diversidades sociais que nos cercam, pois algumas dessas podem até não desenvolver algo parecido ao romance, porém todas contam suas histórias, seja por mitos, folclore, danças, teatro, como afirma Turner. Lévi-Strauss e Vladimir Propp que estudam a natureza dos mitos e lendas concordam ao dizer que existe no mito estruturas comuns que iam além das fronteiras culturais, ocorrendo uma relação entre povos diferentes. Turner dissertando sobre esse

4 A ideia de mitologia aqui presente é aquela que se refere a forma de um povo explicar suas origens, que compreende toda uma cultura nacional e a formulação de sua identidade. Não apenas levando em conta as histórias, mas sim a sua influência na formação de um Estado Nacional.

pensamento concluiu afirmando que a narrativa busca dá sentido ao mundo, a partir do momento que a entendemos como um “mito moderno”, onde o cinema seria a sua maior representação.

Limitando-se agora ao caso do Continente Africano primeiramente deve ser considerada a dificuldade e a falta de estudos sobre a cultura desse enorme continente tão grande quanto a sua diversidade cultural. Frente a dificuldade da escrita da História na África, o cinema pode ser visto como uma saída.

Os estados africanos para se consolidarem tiveram que enfrentar os países colonizadores criando uma identidade comum para a libertação de todo o continente, o pan-africanismo. Porém também recebe críticas porque esse mesmo movimento propagava a ideia da identidade além das fronteiras, não respeitando os Estados nacionais. A sua formação se deu pelas divisões das fronteiras herdadas pelo continente, mostrando a dificuldade que teve o país para se formar nos moldes ocidentais, já que seus povos e territórios são extremamente diferentes. O colonialismo gerou Estados pluriétnicos, aglomerando várias etnias em um território, ou então separando a mesma em várias fronteiras. Com isso o fortalecimento dos governos pós-coloniais dependia da criação de uma identidade, de ideologias nacionais e de mobilização social.

“ el cine contribuye a la elaboración de una contra-historia, no oficial, alejada de esos archivos escritos que muchas veces no son mas que la memoria conservada de nuestras instituciones. Al interpretar un papel activo contrapuesto a la historia oficial, el cine se convierte de este modo en un agente de la historia e puede motivar una toma de consciencia ” (FERRO, 1995: p. 17).

O cinema africano só veio surgir após as independências dos países, que até a década de 60 ainda estavam sujeitos ao sistema colonial. Escritores africanos, como Chinua Achebe afirmam que a motivação do surgimento do cinema africano esta também na rejeição da visão ocidental de filmes como “Tarzan, uma aventura na África”, onde a África era vista de forma inferior culturalmente. Nessa perspectiva, Olivier Barlet afirma que :

“Uma grande ambiguidade atravessa a história contemporânea africana: a busca de valores autenticamente africanos fundada na visão de uma idade de ouro pré-colonial angelical que a colonização teria aniquilado. Alguns filmes não escaparam dessa preocupação de restaurar a memória. Porém uma resposta moderna começa a emergir: a ficção que explora o porquê dos atos e não se contenta em denunciar”. (BARLET. 1996, p. 60)

me histórico. Vendo o filme como testemunha do seu tempo, como também fonte do seu passado, o filme **Hotel Ruanda** se torna um registro do seu presente. No seguinte trecho do livro de Marc Ferro, “Cinema e História”, vemos que um filme pode ser agente da história. A doutora Simone Pinto dissertando sobre a formação da identidade africana faz uma distinção entre o que seria nacionalismo étnico e civil. O primeiro seria pela formação cultural e etnográfica de um povo, baseando-se numa descendência comum, o que poderia gerar mais rivalidades no continente africano. A segunda forma seria política, onde os laços seriam construídos pelas elites políticas para gerar uma lealdade ao Estado. Devido ao colonialismo



FICHA TÉCNICA:

Título Original: Hotel Rwanda

País/Ano de produção: EUA/Itália/África do Sul, 2004

Duração/Gênero: 121 min., Drama

Direção de Terry George

Roteiro: Keir Pearson e Terry George

Elenco: Don Cheadle, Desmond Dube, Hakeem Kae-Kazim, Tony Kgoroge, Neil McCarthy, Nick Nolte, Sophie Okonedo, Joachin Phoenix, Fana Mokoeda.

VEJA IMAGENS DO FILME:



podemos dizer que o nacionalismo no continente africano ocorreu de forma mais cívica, pois os países foram organizados por um regime internacional em comum, onde a política colonial, mesmo com as suas diferenças, possui em comum a mesma exploração da riqueza e o fomento das brigas entre as etnias. Essa autora levanta a questão de que a formação da identidade e das fronteiras se originou em todo o continente pelo inimigo em comum, a metrópole. Porém essa formação de identidade não ocorreu de forma total, onde até hoje existem discussões sobre esse tema. Então, podemos concluir que para entender a África temos que levar em conta o legado deixado pelo colonialismo e a luta pela formação de uma soberania interna. A África é vista, em filmes como “África dos Meus Sonhos”, de forma selvagem e fantástica, no sentido de utópico, diferente das sociedades ocidentais. Esses tipos de filmes buscam sempre exaltar a identidade nacional dos ocidentais. Analisando o filme Hotel Ruanda, é de conhecimento geral que foi filmado dez anos depois do acontecimento ter ocorrido, pretendendo assim mostrar o que antes não foi revelado nas pesquisas usando relatos para se basear, e sendo assim é considerado um fíltoria quando nos remete a uma denúncia, nos sensibiliza, e assim nos faz olhar a realidade de determinada sociedade, como faz o filme Hotel Ruanda.

O início da produção cinematográfica africana nos países colonizados pela França sofreu sérias censuras, a ponto de um grupo formado pelos primeiros alunos africanos do IDHEC teve que dirigir o seu filme *África sobre o Sena* (1957), em Paris, sendo esse considerado o primeiro filme verdadeiramente africano. O filme *Borom Sarret* (1962) de Ousmane Sembene foi um avanço para o cinema africano, pois é a primeira vez que o cinema é mostrado por quem entende e partilha das diversidades culturais ali presentes. “O cinema, como os mitos fundadores, representa um povo e, numa fase mais avançada de organização social, define uma modalidade particular de figuração e advento da nação”, nos afirma Mahomed Bamba, que dissertando sobre essa afirmação nos mostra que as sociedades capitalistas

desenvolvem o cinema como maior contador de suas histórias, pois ele se desenvolve e reflete o desenvolvimento das nações. Temos ainda que levar em conta que é difícil falarmos de nações na África, pois após a sua descolonização e as independências não surgiu efetivamente uma consciência nacional, mas muitas vezes reivindicações ligadas a movimentos étnico-tribais. Porém podemos levar em conta que a África está em um processo de **construção** de uma consciência nacional, onde os filmes participam desse processo, pois ajuda a nação a se projetar no tempo e no espaço, como afirma Frodon:

FICHA TÉCNICA

África sobre o Sena

Título original: Afrique sur Seine

País/Ano de produção: França/ Senegal, 1957

Duração: 21 min.

De: Mamadou Sarr e Paulin Vieyra.

Com: Marpessa Dawn, M Bathily, AM Baye, C. Clairval,

D. Dane, I. Diop, M. Leprovol, P. Letourneur, L. Malik.



Cena do Filme África sobre o Sena

FICHA TÉCNICA

Borom Sarret

Título original: Borom Sarret

País/Ano de produção: 1962

De: Ousmane Sembene



Cenas do Filme Borom Sarret

“Existe (...) uma solidariedade entre a história das nações e a do cinema. Mas esta solidariedade não é somente histórica, ela é ontológica. Existe uma comunidade de natureza entre a nação e o

cinema: nação e cinema existem, e só podem existir pelo mecanismo da projeção,” (FRODON, 1997, p.12)

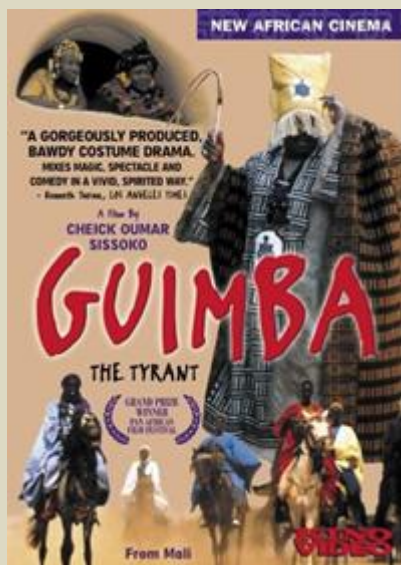
Essa projeção pode ser manipulada pela produção de imagens e ideais de governantes das “não-nações africanas”, termo usado por Mahomed Bamba. Como nos filmes franceses/ africanos citados acima encontramos como fundamentação acabar com a ideia da dominação colonial da França naquele novo país que surge. Assim nesses governos o desenvolvimento da indústria cinematográfica esta em primeiro plano, como no exemplo dado por Bamba, onde na Burkina Faso é criado em 1961 um setor dedicado exclusivamente ao cinema dentro do ministério da comunicação. Vemos o surgimento, no cinema, de uma fase mais didática, que foi limitado pelo surgimento das TV nacionais que passaram a adaptar de forma melhor essa ideia de projeção e de auto-retrato.

O cinema africano inicialmente não ocorreu de forma a produzir filmes de caráter político ou ideológico, pois a ideia de consciência política por parte da população não existia, devido a dificuldade de conscientização nacional gerando um nacionalismo mais cívico, como foi dito anteriormente. Então a busca da construção cultural por parte do cinema na África tem que ser visto para além de suas fronteiras. Mahomed Bamba nos diz que esse cinema sobrevive graças aos seus mitos fundadores, fazendo com que percebemos a importância dos mitos na criação da narrativa cinematográfica, como afirma por Levi-Strauss. Pela tradição oral essas grandes histórias ajudam a moldar uma identidade cultural, pois é através delas que se alcançam uma integração africana, ponto que os políticos não conseguem alcançar.

Diferentemente do mundo ocidental, onde o cinema não está tão ligado à literatura e às lendas, na África é através da tradição oral que se tem a matéria-prima da indústria cinematográfica. Com isso o movimento pan-africanista utiliza essa ferramenta para buscar essa união cultural do continente africano, porém vai além da busca pelo passado, pois traz para o cinema fatos sócio-políticos atuais, porque simbolicamente a realidade de um país não vale apenas para ele, mas para todos do continente, a firma Bamba. O filme **Guimba: um tirano, uma época** (1995), mostra justamente a dificuldade encontrada nos países africanos no pós independência, pois passam a lidar com líderes tirânicos.

Um passo importante do cinema na África foi a criação do FESPACO, um festival de cinema, que buscava uma interação entre todos os cineastas da África, como também de mostrar para o público africano o seu cinema local. Além disso, existe também um apoio do ocidente para as produções cinematográficas de países menos desenvolvidos.

FICHA TÉCNICA:



Cena do filme Guimba: um tirano, uma época

Guimba: um tirano, uma época

Título original: Guimba: the tyrant

País/Ano de produção: França /1995

De: Cheick Oumar Sissoko.

Com: Balla Moussa Keita, Falaba Issa Traoré. Drama social em Cores.

Duração: 93 min.

Discutir sobre a cultura africana requer sempre muito cuidado, porque além de sua diversidade cultural o continente está ainda num processo de descobertas e criações de suas identidades. Podemos perceber que essa formação se dá pela herança colonial, como também pela busca de afirmações particulares. Em frente a essa busca vemos que o cinema é um meio bastante eficaz de transmissão e afirmação nacional, tanto exteriormente como interiormente. Como aconteceu com a Angola, diversos outros países após conquistarem sua independência se depararam com um governo autoritário que tem dificuldade de criar uma união. No caso de Agostinho Neto vemos que justamente a grande frente que foi feita a ele e a MPLA foi uma associação de escritores que buscavam mais liberdade de expressão.⁵

Cada vez mais na História tem-se aberto espaço para discussões de fontes historiográficas além dos documentos escritos, mais defendidos pela escola metódica do século XIX, onde a oralidade e a imagem têm ganhado espaço, principalmente com o surgimento da História Nova, fazendo com que o cinema possa ser discutido como fonte para se entender melhor a mentalidade das sociedades, entramos cada vez mais na discussão levantada pela história

5 União de Escritores Angolanos (UEA), que buscavam uma reestruturação do campo literário.

total. Somente por volta dos anos sessenta e setenta do nosso século que o filme é visto como documento e como agente transformador da história. Jorge Nóvoa nos afirma que desde a formação da história com Heródoto nenhum documento se impôs tanto a ponto de ganhar uma formulação teórica, onde para os cientistas sociais esse passa a ser um modelador das mentalidades, sentimentos e emoções dos indivíduos. O próprio Marx, ainda no século XIX, relaciona a sua pesquisa científica com uma frase de Shakespeare "*nada que é humano me é estranho*".

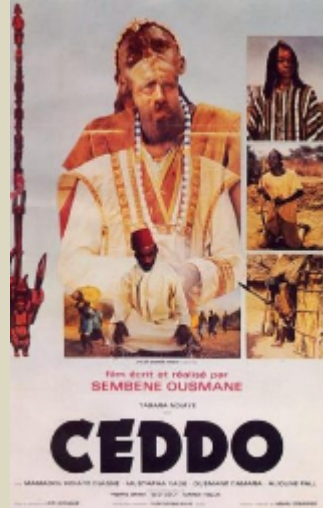
Sobre a importância da memória, ou seja, dessa história oral que ajuda a formular a base do cinema africano, Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, diz que ela deve ser entendida como um fenômeno social onde os elementos que a constituem são vividos pelo grupo ao qual as pessoas se sentem pertencentes. Dissertando sobre isso Michael Pollak nos diz que por meio da socialização política ocorre uma identificação com o passado, que ele diz poder ser praticamente uma memória herdada. Essa memória coletiva que faz surgir um caráter de nacionalidade, porque é por ela que um determinado grupo se considera próximo e ao mesmo tempo nega o outro. Essa formação social esta inserida na identidade cultural que integra esse coletivo, sendo ela flexível e mutável. Então a formação de uma identidade esta diretamente ligada a memória coletiva do grupo em questão e que essa memória pode servir de fonte para a história a partir de sua tradição oral, sendo assim capaz de gerar recursos suficientes para que os filmes africanos que a usam como matéria-prima possam ser encarados como tentativas de nacionalização, a partir do momento que a indústria cinematográfica na África busca mostrar ao mundo as suas realidades e também a sua cultura, busca mostrar que existe sim naquele continente uma cultura própria que deve ser respeitada e discutida no cenário mundial. Buscam acabar com a visão de filmes ocidentais que veem o continente africano como algo utópico, ou com uma cultura inferior. Kellner diz que quando a cultura é vinculada pela mídia faz com que as pessoas se identifiquem, pois as imagens e os sons ajudam a projetar a vida cotidiana.

O Cinema Africano ainda esta longe de fazer frente às grandes indústrias ocidentais, principalmente pelo fato de crise e de subdesenvolvimento que ocorreu no continente no pós-independência. Países como Egito e África do Sul são os que mais desenvolveram a indústria cinematográfica, não ocorrendo o mesmo no que resta da África subsaariana. Mohamed Bamba no Livro "Cinema no Mundo: África" diz que cada filme africano representa uma forma de afirmação e de propagação da diversidade cultural.

A ajuda financeira para a produção cinematográfica vem de países europeus, como a França e a União Europeia, tendo, porém um caso a parte que é a África do Sul devido a sua infra-estrutura herdada do *apartheid*, onde a produção, distribuição e exibição se consolidaram durante os anos desse processo histórico. Gana e Nigéria são os maiores produtores de filmes Africanos, afirma Bamba, que tentam levantar uma problematização sobre a formação da identidade e do nacionalismo. O cinema busca tornar o invisível visível, mas tem que fazer isso de forma artística, porque afinal o cinema é uma arte, não está ligado apenas ao caráter instrutivo, tem que haver uma união entre conteúdo e harmonia artística.

Sobre influência cultural no cinema africano Ferid Boughedir diz que esse cinema vem refletindo as “intensas mudanças culturais e sociais como consequência das reviravoltas políticas”, exemplificando temos filmes históricos como *Ceddo* de Ousmane Sembène, 1976 do Senegal e *Sejnane* de Abdelatif Bem Ammar da Tunísia. 1974. Boughedir lista uma série de conflitos que costumam estar presente nas reflexões feitas pelos filmes africanos, que são eles entre a aldeia e a cidade; a mulher ligada a características ocidentais e aquela que respeita as suas tradições; a medicina moderna contrapondo com a tradicional e a questão da arte como identidade

FICHA TÉCNICA:



Cena do filme Ceddo

Título Original: Ceddo

País: Senegal

Ano: 1976

Direção: SEMBENE, Ousmane

Elenco: Tabata Ndiaye, Moustapha Yade, Ismaila Diagne, Matoura Dia, Omar Gueye, Mamadou Dioumé, Nar Modou, Ousmane Camara e Ousmane Sembene

FICHA TÉCNICA:



Título Original: Sejnane

País: Tunísia / 1976

Direção: Abdelatif Bem Ammar

cultural ou como objeto de consumo.⁶

Como vimos o cinema é uma forma de linguagem que carrega suas especificidades culturais, e que devido aos seus códigos específicos carrega toda uma carga social. Na busca para compreendermos as discussões e problematizações que são levantadas pelos cineastas é essencial a relação com outras disciplinas, por isso que é importante se estudar a totalidade da sociedade em questão, o contexto em que o filme está inserido, porque além da importância da estética, cada vez mais os filmes africanos trazem um conteúdo para as telas. Como disse anteriormente o mito busca compreender a realidade que nos cerca e os filmes são a sua maior representação na atualidade, como também se utilizam dessa mitologia que vem da tradição oral para se afirmarem culturalmente no cenário mundial, sendo assim sempre vemos no cinema africano as raízes místicas de sua cultura, contrapondo muitas vezes com a realidade do mundo ocidental.

A dificuldade de se formar uma ideia de identidade nacional na África devido as fronteiras herdadas do colonialismo que não respeita as etnias, acaba gerando uma dificuldade no caráter político para a afirmação de um sistema que tenta organizar um Estado Nacional. Para um Estado se afirmar é preciso que o povo se sinta fazendo parte, o que é complicado na África, por esse fato que o nacionalismo na África é construído por uma elite política, que em alguns países investem na produção cinematográfica, porém os recursos econômicos em muitos desses países não dão condições para o seu desenvolvimento.

Referências:

BULHÕES, Maria Amélia. **Identidade, uma memória a ser enfrentada**. Disponível em: <<http://www.casthalia.com.br/periscope/mariaameliabulhoes/identidadeumamemoriaaserenfrentada.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, XXIX (55): 47-56, jan-abr 2010.

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. **Cultura africana no cinema**: leitura crítica da imagem do racismo na formação de professores. Disponível em: <<http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/2716/2107>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

GONÇALVES, António Custódio. **A Construção das identidades culturais na África Subsaariana**. Disponível em: <www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7028.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MELEIRO, Alessandra (org.). **Cinema no Mundo: África** – v.1, Escritora Escrituras, 2007.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. **Revista O Olho da História** n.1.

PINTO, Simone Martins Rodrigues. A Construção da África: Uma reflexão sobre Origem e

6 Para melhor compreender os conflitos e as temáticas que o cinema africano costuma abordar sugiro ler o Cap.2 do livro “Cinema no Mundo:África” de org. De Alessanda Mereiro da Escrituras e Iniciativa Cultural.

Identidade no Continente. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de língua Portuguesa**, setembro-fevereiro, ano/vol. II, número 3. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. pp.212-234.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.